

CARLOS SELVAGEM

Teatro
e aventura

TEATRO

CARLOS SELVAGEM ULNOR00342

TELMO,
O
AVENTUREIRO
p e ç a e m 3 a c t o s

//

EDIÇÕES EUROPA
LISBOA
1 9 3 7

PERSONAGENS

Distribuição

LOTIE.	.	.	.	.	.	.	.	D. Lucília Simões
MARY	.	.	.	.	.	.	.	D. Maria Lalande
HELENA	.	.	.	.	.	.	.	D. Maria Brandão
TELMO	.	.	.	.	.	.	.	. Robles Monteiro
MANUEL.	.	.	.	.	.	.	.	Raúl de Carvalho
DR. MEIRELES	.	.	.	.	.	.	.	. Alvaro Benamor
COMANDANTE	.	.	.	.	.	.	.	António Sacramento
DR. MOTA	.	.	.	.	.	.	.	. Vital dos Santos
CHINGÔLO	.	.	.	.	.	.	.	A. Lemos
NIQUITA.	.	.	.	.	.	.	.	N. N.
JUSA.	.	.	.	.	.	.	.	N. N.

Representada pela primeira vez no
Teatro Nacional em 31 de Março de
1937, pela Companhia Amélia Rey
Colaço — Robles Monteiro.

TELMO, O AVENTUREIRO

I ACTO

Terreiro ajardinado, ensombrado por grandes árvores.

Ao fundo, larga varanda de bangalô, com escaleira de três degraus sôbre o terreiro, que dá acesso à varanda. Em frente, ao centro do terreiro, há um tanque de margela baixa, de tijolo, onde crescem golfões aquáticos. Na sombra das grandes árvores, à direita, cadeiras de lona e de vêrga, mesinhas de vime para chá, bancos de tesoura, uma rêde de repouso atravessada entre dois grossos ramos.

Tarde de sol, na época sêca.

CENA I

MARY, HELENA e JUSA

(HELENA e MARY, de vestidos claros e grandes chapéus de palha, preparam duas mesinhas para o chá da tarde, à sombra das grandes árvores. JUSA, criadito prêto, de calção e camisa de caqui, perna à vela, descalço, varre as fôlhas sêcas do terreiro).

MARY — (*mirando e remirando a toalha de chá que acabara de estender sobre a mesa, depois dum silêncio*). — Jusa! Já tem serviço pronto?

JUSA — (*perfilando-se*). — Ainda, sim senhor!

MARY — *Não faz mal. (Entregando-lhe a toalha).*
— Vai levar o toalha à senhora e traz outro mais lavado!

JUSA — Traz já, sim senhor! (*E sai lépido pela varanda*).

HELENA — (*arranjando flores noutra mesa*). — Muita graça eu acho a êste vosso Jusa! Garoto vivo, esperto, com aqueles grandes olhos, sempre arregalados, como dois bugalhos...

MARY — (*um gesto de ombros*). — São assim todos, em miúdos!... Lá virá o tempo em que se fará um malandrete como os outros!... Ah, o que eu odeio esta gente!...

HELENA — ...Teus patrícios, afinal!

MARY — Talvez por isso mesmo o ódio seja maior! Ah! Poder ver-me um dia, a mil léguas de distância dêles, para sempre!...

(*Breve silêncio*)

HELENA — (*com simplicidade*). — Emfim! Tu

lá terás as tuas razões... Mas eu gosto bem da vida de África, Mary!... Aqui há outra liberdade, outra vastidão... Sente-se a gente respirar, somos alguém!...

MARY — Oh, filha! Por vastidão... É realmente tão vasta que nem se lhe pode fugir. Somos os prisioneiros da vastidão.

HELENA — (*a maior bonomia*). — Mas fugir para onde? Na Europa quem é que dá por nós?... Somos a multidão, a malta. Nunca esqueço o dito daquele nosso prêto Evaristo que meu pai levou a Lisboa pela última graciosa. Não gostava de Lisboa, porque «lá, era pouca terra e muita gente», e aqui «era pouca gente e muita terra». (*Outro tom*). — Também eu gosto bem de África!

MARY — (*feroz*). — Por teres a certeza de não viver condenada, tôda a vida, a êste inferno, a êste mato sempre igual, a esta vida sempre a mesma!...

HELENA — Sabe-se lá, filha!

MARY — (*desabusada*). — Ora! Tu és europeia, ave de arribação!...

HELENA — (*conciliante*). — Não digo que, de quando em quando, não me apeteça realmente ir até lá, espairecer, variar um pouco...

Mas, por pequenas doses! E queres crer que, nos dois ou três primeiros meses, me sinto sempre tão estranha, tão desconfiada, que me vem uma saüdade insofrida de tudo isto?

MARY — (*Uma revolta mal contida*). — Pois eu, que nunca lá fui, eu, que só conheço a Europa do que leio nos romances, nas ilustrações, do que oiço contar à mãe... Ah! Se um dia lá me visse, estou que nem mais me lembraria de ter aqui vivido, de ter tido a desgraça de nascer nesta maldita África!

HELENA — (*cheia de compaixão*). — Oh! Mary! Mas que vida pensas tu que se faz lá normalmente?

MARY — Não sei! Ver outras gentes, outras coisas... Ir a teatros, a bailes, a casinos... passear, andar chique, brilhar... Respirar outros ares, outras ideias... Não viver eternamente neste pasmo, neste isolamento de destêrro! (*Senta-se, num desalento*). Viver aqui, para quê? para quem?... Oh, África!... Não, positivamente, sufoco! Deito-a já pelos olhos!

HELENA — (*sorriso ambíguo*). — Não descoroçoas! que talvez te chegue ainda a vez!

MARY — Qual! Tu verás, querida, que estou condenada a isto para sempre!...

HELENA — (*um encolher de ombros*). — Terias a maior desilusão! Matadas as saúdes da família, vem-nos logo uma onda de fartote... E tu, então, que nem família lá tens!...

MARY — Embora! Deve a gente esperar sempre qualquer coisa da vida!... (*E afogueada, excitando-se*). Porque tu já pensaste no futuro, querida, no futuro que nos espera, se tivermos a desgraça de cá nos ficarmos casadas?...

HELENA — Ora, filha! Até somos mais apetecidas! Temos muito mais saída cá, do que lá!... Aqui todos somos jeitosas, elegantes, bonitas!... A cem, a duzentas léguas daqui, sabe-se que existimos, quem somos, fala-se de nós, da côr dos nossos olhos... Na Europa, filha, mesmo tu que és tão bonita, ninguém daria por ti...

MARY — Há outras maneiras de brilhar...

HELENA — A não ser que fôssemos ricas.

MARY — Sim, tens razão!...

HELENA — Ao passo que por cá, vê tu se conheces alguma que vá ficando solteira?... Os homens até parece que passam a vida à espreita, a ver-nos crescer e medrar, para nos deitar logo a mão...

MARY — (*novo assômo de revolta*). — Mas que homens, Lena? Êsses brutamontes? êsses calabreses?...

HELENA — (*intencional*). — Coitado do Manuel!...
Tão delicado, tão sério, tão bom!...

MARY — (*sem entusiasmo*). — Não digo que não! Mas... É também porque não há melhor, não há mais por onde escolher. Em terra de cegos...

HELENA — Será em qualquer parte um lindo rapaz, desempenado, bela figura, uma bela estampa de homem. (*Velada censura*). — És muito injusta com o teu noivo, Mary!

(*Novo silêncio*)

JUSA — (*voltando, pela varanda, com a toalha*). — Senhora vem já. Falou que toalha está mesmo bom. Não tem outro!

MARY — (*com infinita paciência*). — Bem! dá cá!... (*Estendendo-a outra vez sôbre a mesa*). — Ai, aquela santa mãe! (*A Helena*). Passa-me daí, ao menos, umas flores para disfarçar um pouco!

HELENA — (*trazendo-lhe uma jarra com flores*). — E hás-de concordar que está uma obra de arte!

MARY — (*examinando, descontente*). — Não lhe misturaste alguns cravos?

HELENA — Fica melhor assim, só com azáleas. E estas do vosso jardim, que são maravilhosas!...

MARY — (*mal convencida*). — O doutor gosta tanto de cravos!

HELENA — (*viva surpresa*). — Mas o Meireles também cá vem hoje?... Não mo tinhas dito!

MARY — (*embaraço*). — Vem! Vem dar uma injeção de quinino à mãe, que tem andado febril, com falhas de coração! Escrevemos-lhe a pedir que aproveitasse o carro de teu pai.

HELENA — Não era indispensável, para quem tem um tão belo carro!

MARY — (*em ar de desculpa*). — Fica-nos mais económico... (*a Jusa*). — Vai no quarto buscar jarra com flor que está no cima da mesa!

JUSA — (*sai lépido*).

CENA II

As mesmas e LOTIE

LOTIE — (*descendo a custo os degraus da varanda*). — Então?!...Que despropósito foi êsse

da toalha?... Não está perfeitamente bem?...
(*Aproximando-se, espalhafatosa, no seu vestido de sêda, de grandes ramagens, mangas perdidas, escandalosamente decotado. Ber-rante maquilhagem para disfarçar a velhice prematura duma vida muito vivida, muito cansada. Pronunciado sotaque estrangeiro, carregado de rr. Grande leque e «lorgnon»*).
— Está um pouco machucada talvez! Mas serve perfeitamente. Não está suja!

MARY — Oh mãe! Está uma rodilha.

LOTIE — (*enfadada*). — Que quiere? Não há outra mais lavada. Disfarce de qualquer maneira! Disfarce-a!...

HELENA — Já se tratou disso mesmo, sr.^a D. Lotie!

LOTIE — (*vindo examinar*) — Assim mesmo! Assim mesmo! Que mais é preciso? No campo não se pode exigir grandes luxos... (*mas reparando melhor na filha*). — Tu, minha filha, é que bem podias arranjar-te melhor! Olha para esta pobreza — saia e *blouse*! Saia e *blouse*!

MARY — Estou tão bem assim, mãe! Que mais é preciso, no mato?

LOTIE — Quero-a mais *chic*, mais *habillée*! Parece que não tem mais que vestir!... E

esta cara? Uma carinha tão linda, tão preciosa e tão pouco *façonné*... Parece desenterada!... Vá, minha filha! Vá ao seu quarto arranjar-se melhor! Não a quero insignificante! Não se deixe amesquinhar! A modéstia na sua idade é grande pecado...

MARY — (*mimalha, amolecida*). — Estava tão bem assim, mãe!

HELENA — A Mary está sempre tão linda, sr.^a D. Lotie. Qualquer trapinho que vista, lhe fica sempre tão bem!...

LOTIE — Não! não! É pecado, é pecado!... Vá ao seu quarto e mête o seu vestido *saumon*, de *tafetá*! E avive um pouco mais êsses traços, êsses olhos! Mête um pouco mais de *bâton* nesses lábios!...

MARY — O vestido de *tafetá*?... Oh mãe, mas não vamos aqui dar hoje um baile!

LOTIE — (*imperiosa, empurrando-a*) — Vá! Vá! *Ne fais pas la petite sottie!* Não faça zangar a sua mamã!

(MARY, um tanto constrangida, sai pela varanda)

CENA III

LOTIE e HELENA

LOTIE — (*logo, desenvolvendo uma brusca acti-*